

---

**Nós que aqui estamos por vós esperamos:**

**Apontamentos iniciais sobre os lugares dos mortos e dos vivos em ambientes  
digitais na sociedade brasileira contemporânea <sup>1</sup>**

Luiza C. SANTOS<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

**Resumo**

A partir das tensões emergentes de pesquisa de caráter exploratório em perfis de pessoas falecidas no Facebook, este artigo se propõe a fazer uma análise sobre a morte e o lugar do morto em ambientes digitais no contexto brasileiro. Os perfis foram selecionados a partir do grupo Profile de Gente Morta e a base teórica fundamenta-se na ideia de sociedades relacionais de DaMatta (1997). O texto conduz a ideia de que os dados digitais dos mortos, sejam de caráter público, interpessoal ou privado, são uma espécie de materialização da presença física destes no mundo dos vivos através da internet.

**Palavras-chave**

Morte; Tecnologias Digitais; Sociedade Relacional; Dados Digitais; Profile de Gente Morta;

**1. Introdução**

Tratar da morte e do morto é fator constitutivo do ser humano, que não apenas traça uma importante distinção entre os Homens e os demais animais que habitam este mundo (ELIAS, 2001), quanto desperta dor, angústia, curiosidade e, em certa medida, criatividade: o imaginário por trás da questão faz emergir e desaparecer práticas fúnebres situadas histórica e culturalmente (ARIÉS, 2012) e perpetuar outras, que ultrapassam barreiras de tempo e espaço. Este artigo se propõe a fazer uma análise sobre a morte e o lugar do morto em ambientes digitais no contexto específico brasileiro, tendo como base a noção de sociedades relacionais de DaMatta (1997) e trabalha, de forma inicial, algumas das tensões que emergiram a partir de uma pesquisa de caráter exploratório em perfis de pessoas falecidas no site de rede social *Facebook*.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação e Informação na UFRGS. Mestre em Comunicação pela PUCRS e Especialista em Economia da Cultura pela UFRGS. E-mail: luizacdsantos@gmail.com

---

Os perfis foram selecionados a partir dos compartilhamentos no grupo fechado Profile de Gente Morta (PGM)<sup>3</sup>, que se dedica a divulgar perfis de pessoas que faleceram recentemente na rede e a causa da morte. A investigação delimitou-se a partir de perfis expostos neste ambiente, que possuíam algum tempo de falecimento – a fim de possibilitar uma observação mais rica em termos de interações - e encontravam-se abertos para visualização pública, uma vez que nenhum dos perfis observados eram ou vieram a ser contatos da pesquisadora no site de rede social.

É importante ressaltar que o grupo em si não é o objeto deste estudo, pelos seguintes motivos: a) a comunidade PGM vem sendo estudada por pesquisadores da comunicação desde sua criação no *Orkut*, de forma específica (ALBUQUERQUE, 2007) e comparada (MIGOWSKI e FRAGOSO, 2016); b) nossa tema de interesse não gira em torno da peculiaridade do grupo ou das particularidades mórbidas da curiosidade que movem as dinâmicas dos participantes; c) o PGM é ponto de partida metodológico para encontrar espaços que sejam uma fonte rica de dados para uma análise que busca pensar a forma como lidamos com a morte, o luto e com a própria presença online dos mortos, fornecendo, o próprio grupo, algumas pistas para essa investigação.

Somada às observações no grupo mencionado, realizou-se também um levantamento dos espaços destinados ao luto e aos mortos na internet, assim como das estratégias de empresas como o *Google* e o *Facebook* para lidar com usuários falecidos e os dados dos mesmos. A partir disso, defende-se a tese de que os dados digitais dos mortos, sejam de caráter público (perfis em redes sociais e publicações abertas), interpessoal (interações entre dois ou mais indivíduos, em caráter privado) ou privado (dados armazenados em contas online ou em dispositivos eletrônicos), são uma espécie de materialização da presença física destes no mundo dos vivos através da internet.

## **2. O Mundo dos Mortos & O Mundo dos Vivos: tensões contemporâneas**

Atualmente, compreendemos nossa presença online como mais um dos ambientes nos quais transitamos cotidianamente e que integram, portanto, nossa existência de forma ampla, fazendo parte de um registro de nossas vidas, não sendo considerada uma esfera segmentada e segregada do “mundo real”. É natural que, conjuntamente com tal percepção - de que cada vez mais nosso cotidiano mescla

---

<sup>3</sup> Pode ser visitado aqui: [https://www.facebook.com/groups/pgmreal/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/groups/pgmreal/?ref=br_rs). Grupo fechado.

presenças online e offline e que tais espaços de sociabilidades se embrincam de formas que não podem ser tratados dissociadamente -, aspectos e preocupações tradicionais da vida humana habitem também este espaço, conservando, certas vezes, algumas especificidades. A questão da morte e do morto, nossos fantasmas milenares, não poderia ser diferente. Ao utilizarmos, portanto, neste texto, termos que separam as esferas on e offline, o fazemos unicamente para marcar didaticamente de qual espaço específico estamos falando naquele momento da análise, não como juízo de valor ou como distinção inerente aos modos de socialização.

Se hoje já superamos a dicotomia do mundo real versus mundo virtual, é certo que nem todas as segmentações de mundo estão esquecidas: o mundo no qual habitam os vivos e aquele no qual habitam os mortos ainda são compartimentos distintos, mesmo que de comunicação frequente. DaMatta (1997), ao analisar a sociedade brasileira, coloca em questão um paradoxo sobre a forma como encaramos a morte: ao mesmo tempo em que ela representa o fim da existência, também coloca em jogo uma realidade complementar - através das perspectivas sobrenaturais que habitam nosso repertório de crenças, histórias, mitos e lendas -, um outro mundo no qual os mortos passam a habitar.

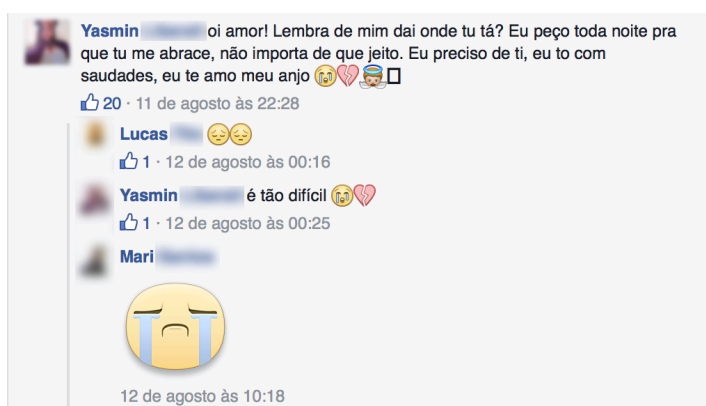
Assim, os mortos deixam de existir aqui para que possam existir em outro lugar, do qual eventualmente saem para demandar e realizar coisas dos/pelos vivos. Para o sociólogo (1997), a sociedade brasileira seria estratificada em três esferas: a casa, a rua e “o outro mundo”. Segregamos os mortos a este outro mundo que não é o nosso, entretanto, as relações entre o mundo dos mortos e o mundos dos vivos são recorrentes. Ou seja, “temos uma verdadeira constelação de instituições e valores relativos ao outro mundo que só podem ser compreendidos quando se introduz a ideia de relação no quadro conceitual” (p.157).

Há que se ponderar, é claro, que estamos cientes que um dia viremos também a habitar este outro mundo e que é este conhecimento de nossa finitude que gera os dilemas que serão tratados de forma mais ampla neste artigo, uma vez que: “a morte é um problema dos vivos. Os mortos não tem problemas” (ELIAS, 2001, p.10). A condição de estar ciente do ciclo e do fim da vida é uma habilidade humana, que nos faz encarar nossa própria finitude: “não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos” (ELIAS, 2001, p.11).

É justamente este conhecimento da morte que nos leva a criar ritos e crenças na

tentativa de significar a morte, sendo que a maioria destes propõe que a morte não é um fim de fato – como no espiritismo e no cristianismo, por exemplo, pontos importantes do sincretismo religioso que nos constitui enquanto brasileiros. A Figura 01 traz um exemplo de como esta divisão entre o mundo no qual os mortos habitam e no qual os vivos vivem é presente no ambiente estudado, tornando evidente o imaginário brasileiro de que existe um outro lugar para o qual todos iremos um dia – e que a comunicação entre vivos e mortos é possível.

Figura 01



Legenda: Comentário publicado em uma foto de perfil de uma falecida no Facebook.

A morte começa a ser compreendida enquanto uma questão existencial e filosófica apenas a partir do período Moderno, uma vez que passa a se constituir assim quando da emergência de um sujeito como o que observamos na modernidade, que é dominante sobre as partes (DAMATTA, 1997):

De fato, saber se a morte pode ser vencida, conhecer seu significado, ficar profundamente angustiado com o fato paradoxal de que é a única experiência social que não pode ser transmitida, discutir a imortalidade, o tempo, a eternidade, tomar a morte como algo isolado são questões modernas certamente ligadas ao individualismo como ética do nosso tempo e das instituições sociais (p. 133).

O mesmo não é verdade para as sociedades tribais e tradicionais, onde o imperativo são as relações sociais, não os indivíduos. Tal distinção não diz respeito a uma noção de estágio evolutivo das sociedades, mas sim, nos informa sobre as maneiras distintas que sociedades diferentes possuem de se relacionar internamente. DaMatta, apesar de reconhecer as especificidades sociais para dar conta tanto do tema da morte quanto do morto, traça uma distinção entre grupos que irão criar sistemas simbólicos voltados para a preocupação com a morte e outros para uma preocupação com o morto, apontando que “há uma tendência para ver a morte como importante, descartando o

morto; e uma outra que tende a ver o morto como básico, descartando obviamente a morte” (p. 135).

A mescla deste conhecimento do fim inerente a todo ser humano com a existência de um outro mundo no qual os mortos habitam pode ser, talvez, traduzida com precisão pela já famosa frase encontrada no arco de entrada de um cemitério de uma cidade interiorana de São Paulo, Paraibuna: “*Nós que aqui estamos por vós esperamos*”. Se existe um lugar dos mortos, que é, de certa forma, representado pelos cemitérios, é certo também que este é o local para o qual rumam todos os vivos – de tal convocatória, não há como escapar.

Para Elias (2001), os locais onde os mortos habitam fisicamente (distinto do plano espiritual dos mortos de DaMatta), ou seja, os cemitérios, jardins, funerais, velórios e outros, são tratados com uma solenidade extrema, onde ocorre a proibição do riso e da brincadeira, por exemplo. Segregamos os mortos para um local separado da vida cotidiana, os deixamos a parte do convívio dos vivos e os tratamos com respeito e reverência:

Mas quando as pessoas morrem, nada sabem da reverência com que são ou não tratadas. E a solenidade com que os funerais e túmulos são cercados, a ideia de que deve haver silêncio em torno deles, de que se deve falar em voz abafada nos cemitérios para evitar perturbar a paz dos mortos – tudo isso são realmente formas de distanciar os vivos dos mortos, meios de manter à distância uma sensação de ameaça. São os vivos que exigem reverência pelos mortos, e têm suas razões. Essa incluem seu medo da morte e dos mortos; mas muitas vezes também servem como meio de aumentar o poder dos vivos (p. 40).

Tal segmentação - entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos - não tardou em aparecer na internet, com uma série de sítios dedicados não apenas ao tema da morte, mas a uma gama de outras práticas envolvendo a espiritualidade e a crença. A construção de obituários digitais (como o *My Death Space*<sup>4</sup>), criação de cemitérios virtuais (*Le Cimetiere Virtuel*<sup>5</sup>), condolências, rezas e velas enviadas, feitas e acendidas pelo computador (como na Associação Arquidiocesana Tarde com Maria<sup>6</sup>), velórios que podem ser assistidos ao vivo na internet (prática hoje já comum em sites de cemitérios brasileiros, como o Memorial Vera Cruz<sup>7</sup>, para citar um exemplo) e comunidades dedicadas aos recém falecidos em sites de redes sociais são apenas algumas das manifestações desse mundo dos mortos nas tecnologias contemporâneas, já amplamente

<sup>4</sup> <http://mydeathspace.com/>

<sup>5</sup> <http://www.lecimetiere.net>

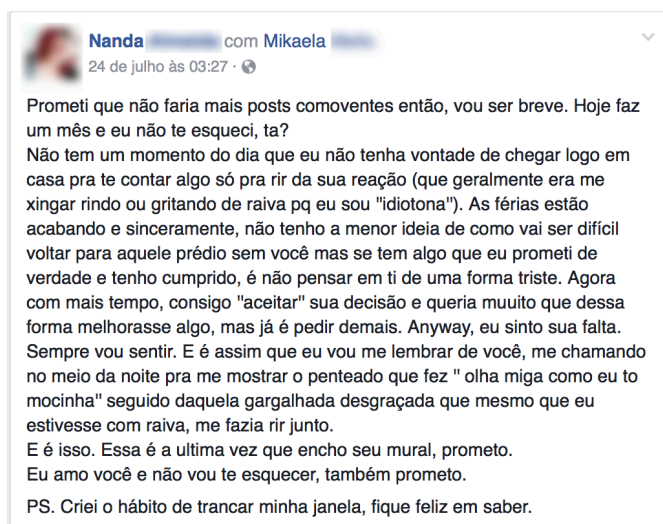
<sup>6</sup> <http://www.tardecommaria.com.br/capela/>

<sup>7</sup> <http://www.memorialveracruz.com.br/ao-vivo/cv3aG32U3a134J2>

investigadas a partir de estudos de casos (como em FERNANDES; AGUILERA, 2008; MARTINS, 2013; FILHO, 2013; BIANCHINI; OIKAWA, 2013). A emergência de locais específicos, de certa forma segregados dos demais espaços da Web, para tratar dos e sobre os mortos vai ao encontro das colocações de Elias: são novos espaços físicos nos quais os mortos habitam, através dos dados, e que exigem tratamento e comportamento distintos.

O próprio uso que fazemos da expressão “os mortos” diria muito sobre nossa atitude em relação à morte, pois “dá a impressão de que as pessoas mortas em certo sentido ainda existem não só na memória dos vivos, mas independentemente deles. Os mortos, porém, não existem.” (ELIAS, 2001, p. 40 e 41). Tal observação parece ser ainda mais verdadeira se colocada lado a lado com a observação da sociedade brasileira feita por DaMatta (1997), que constata que para nós, falar com os mortos é considerado até mesmo natural. Podemos observar uma espécie de transposição deste espaço que cabe aos vivos e do espaço que cabe aos mortos também nas dinâmicas sociais online, assim como a recorrência da forma que temos de falar aberta e diretamente com nossos mortos, como mostra a seguinte.

Figura 02



Legenda: Publicação no perfil de uma pessoa falecida no Facebook.

O modo de referir-se ao morto diretamente evidenciado na publicação acima, falar do modo de ser, da forma como sente falta e das questões do cotidiano corrobora, mais uma vez, fato já apontado por DaMatta (1997): no Brasil se fala muito mais dos mortos que da morte. “[...] falar dos mortos já é uma forma sutil e disfarçada de negar a morte, fazendo prolongar a memória do morto e dando àquele que foi vivo uma forma

de realidade” (DAMATTA, 1997, p.141). Se tal relacionamento era, entretanto, desenvolvido no âmbito privado, observa-se que essa ação se expande para uma cadeia composta de mais atores sociais do que o círculo estrito da família e amigos íntimos, uma vez que este tipo de publicação pode ser acessada por todos os contatos que o morto possui na rede social e, em casos como o analisado, se encontram em modo público. O tipo de publicação exemplificada na Figura 02 também tem como objetivo preservar tanto a memória do morto quanto o vínculo pessoal existente entre as duas pessoas:

Em certo sentido, pode-se dizer que há saudade e há memória quando alguma forma de relacionamento persiste entre os vivos e os mortos. E, se eles têm locais e instituições específicas onde podem ser vividos, então essas relações são permanentes mesmo sem a saudade, porque os dois lados se mantêm enquanto a sociedade existir. No caso do Brasil, por exemplo, pode desaparecer a relação pessoal entre um determinado morto e os seus sobreviventes e relações, mas não desaparece a relação complementar e compensatória entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos como dois planos fundamentais da existência (DAMATTA, 1997, p. 155).

Para além da relação pessoal existe, portanto, no país, uma relação que é institucionalizada com os mortos e que pode ser também observada através do tratamento distinto e envolto em certa honra que dispensamos às pessoas que já faleceram: quem nunca ouviu que não devemos falar mal dos mortos? "Os mortos imediatamente se transformam na nossa sociedade, passando a ser pessoas exemplares e orientadoras de posições e relações sociais” (DAMATTA, 1997, p. 156). Tal pressuposto é evidenciado na dinâmica de grupo do PGM, que tem como política não permitir ofensas e xingamentos ao falecido, como evidenciado no item 3 das regras dispostas em sua descrição: “Proibido ofensas, discussões, palavras de baixo calão (palavrões) entre membros, direcionados aos falecidos ou familiares... tanto nos tópicos quanto no Chat<sup>8</sup>”.

Na prática, o que observamos a partir das interações entre os membros do grupo é que não apenas nenhum tipo de xingamento ou juízo de valor sobre a condição na qual o sujeito viveu ou morreu é tolerada – ato que resulta em expulsão imediata do grupo -, como críticas e comentário opinativos negativos sobre a pessoa falecida ou as condições de sua morte são punidos da mesma forma. Tal prática evidencia-se especialmente em casos de suicídio, que figura entre as principais causas de morte anunciadas na

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/groups/pgmreal/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/groups/pgmreal/?ref=br_rs). Grupo fechado.

comunidade, onde discussões sobre o tema geram opiniões divergentes e podem acarretar em múltiplas expulsões.

Entretanto, não é apenas na proibição de falar negativamente dos mortos que evidenciamos a transformação pela qual estes passam apontada por DaMatta. A proliferação de homenagens prestadas aos falecidos em seus perfis, algumas vezes evidenciando o pouco contato que possuíam com a pessoa em vida, também diz muito sobre a forma que temos de nos relacionar, enquanto sociedade, com os mortos e não com a morte.

Figura 03



Legenda: Publicação de um familiar utilizando o perfil de um falecido no Facebook.

A figura acima evidencia a quantidade de homenagens recebidas por um casal quando do falecimento da esposa, em ambos os perfis – mas uma gama ampla de outras exemplos e manifestações foram encontramos ao longo desta observação. A imagem também demonstra outro uso comum dos perfis de falecidos: a fala de um familiar próximo para estabelecer comunicação direta com a rede de contatos do morto – falaremos mais sobre isto em outra seção deste trabalho.

### 3. Dados digitais: uma herança contemporânea

Se tal análise parte de peculiaridades da sociedade brasileira, definida por DaMatta (1997) como uma sociedade relacional – ou seja, marcada pelas relações, em contraste com sociedades marcadas pelos indivíduos -, não significa que traços deste imaginário não possam ser encontrados em outras culturas. Um exemplo desta tensão entre os mundos ambientada contemporaneamente em um contexto digital é o filme de terror estadunidense *Unfriended*. A história central - que se passa toda na tela do computador entre bate-papos e chamadas de áudio e vídeo entre um grupo de amigos e que vai sendo desvendada em clima de suspense e terror – trata de uma menina que



---

cometeu suicídio ao sentir-se socialmente isolada a partir de uma série de episódios de cyberbullying e que retorna para assombrar seus amigos.

Descobre-se, ao longo das interações com o espírito, que cada um dos personagens teve participação no episódio que desencadeou o suicídio – e o espírito está ali demandando algo dos vivos, uma confissão. Aqui, a comunicação entre estes dois mundos se dá a partir da punição, mas, independente do final trágico para qual o enredo envereda, a ficção não deixa de nos colocar mais uma vez a questão da presença online dos mortos e de como estes podem, agora em outro âmbito, nos convocar. Os dados digitais dos mortos aparecem aí como questão emergente contemporânea, como uma presença física desse outro mundo que tentamos repetidamente segmentar. Em sites de redes sociais, nossos mortos muitas vezes seguem presentes, embora esquecidos, e podem emergir como aparições a qualquer momento. Desenvolveremos melhor esta questão ao longo desta seção.

A proliferação de dados atual é visível e acelerada: acessamos, armazenamos e compartilhamos uma quantidade considerável de informações digitalmente, que vão de fotos, vídeos, textos, dados pessoais, informações acadêmicas e profissionais, publicações, entre tantas outras possibilidades. Parte disto é público (como vídeos e fotos compartilhados em plataformas como YouTube, Instagram e Facebook), outra parte diz respeito a nosso acervo pessoal (como armazenamento de dados na nuvem) ou informações e trocas privadas (como e-mails, mensagens privadas e dados de usuário em diversas contas). A questão é que, hoje, os objetos técnicos que possuímos e nossas contas nestes dispositivos integram uma parte considerável do legado de objetos que deixamos no mundo quando morremos. Se, anteriormente, amigos e familiares próximos precisam lidar com as roupas, os livros, as cartas, os diários, as fotos, entre tantas outras heranças, hoje essa gama se estende também por celulares, computadores, tablets e toda uma série de contas de serviços atreladas a estes objetos. O que fazer, então, com esse mundo de dados de nosso entes queridos? Ou, ainda, o que será feito de nossos próprios dados quando estivermos habitando o mundo dos mortos?

Por certo que a ficção nos brinda com alguns bons argumentos para pensarmos as tensões entre nossas presenças físicas e digitais no mundo (ou, o que será feito de tal presença quando em nossa ausência), como o faz o primeiro episódio da segunda temporada da série britânica *Black Mirror*, intitulado “*Be Right Back*”. No enredo, após perder o marido em um acidente, uma jovem experimenta um serviço online que

permite que as pessoas permaneçam em contato com seus entes queridos. O software utiliza as comunicações online passadas e os perfis de redes sociais para mimetizar a forma de se comunicar do falecido, possibilitando a troca de mensagens entre a personagem e seu marido. Um segundo nível da tecnologia proposta e da trama do episódio, mostram um corpo sintético (que imita esteticamente a aparência do personagem falecido) capaz de interagir a partir dos padrões de comportamento comunicacionais online e de aprender a partir de estímulos e correções, simulando, assim, a existência real do personagem.

As problematizações giram em torno não apenas do quanto os nossos dados dizem sobre nós, mas também sobre o que é possível realizar com o registro destes dados (e o que será feito – ou está sendo feito? – com os dados que disponibilizamos gratuitamente e em abundância cotidianamente), as relações humano-máquina e até que ponto estes softwares que aprendem e, de certa forma, pensam são apenas softwares – questões já pontuadas por outras produções contemporâneas como os filmes *Her* e *Ex-Machina* e colocadas em prática com a própria criação de sistemas de Inteligência Artificial que falam e publicam em redes sociais (como a Tay<sup>9</sup>, da Microsoft), através do desenvolvimento do *Machine Learning*<sup>10</sup>.

Com a proliferação de dados que disponibilizamos, acessamos e mantemos online, é natural que uma das preocupações em relação à morte e ambientes digitais seja sobre o que irá acontecer com as contas que possuímos em diversos serviços quando falecermos – ainda que, mesmo em vida, manter controle completo de nossos dados pareça ser uma tarefa impossível. O *Google*, por exemplo, possui o Gerenciador de Contas Inativas<sup>11</sup>, que permite que o usuário delimite um período de tempo para que sua conta seja considerada inativa e determine o que deve ser feito com seus dados a partir de então. Entre as opções possíveis está a completa exclusão da conta (que gerencia uma série de serviços do *Google*, com e-mail, *Blogger*, entre outros), a indicação de um contato de confiança que será notificado da inatividade e, ainda, a possibilidade de compartilhar seus dados, ou parte deles, com este usuário. É possível indicar até dez pessoas diferentes como contatos de confiança e o usuário será notificado pelo *Google*, através de um número de telefone, um mês antes do prazo estabelecido para o

---

<sup>9</sup> O protótipo interagia com o público a partir do Twitter, GroupMe, Snapchat e Kik. Foi desabilitada pela empresa após proliferar mensagens racistas, sexistas e xenofóbicas

<sup>10</sup> Desenvolvimento do campo da Ciência da Computação que consegue solucionar problemas de forma probabilística a partir da análise de uma quantidade elevada de dados, trabalhando com o reconhecimento de padrões.

<sup>11</sup> <https://www.google.com/settings/account/inactive>

---

procedimento ser realizado. Ou seja, o morto em sua materialização digital também já vem sendo pensado pelas próprias empresas de serviços online.

O contato de confiança só recebe qualquer informação sobre este processo no momento em que a conta é detectada como inativa - o *Google* rastreia a atividade do usuário a partir de sign-ins, uso do *Gmail* em qualquer plataforma e check-ins no *Android*. O contato de confiança irá receber o aviso de inatividade da conta em questão, com uma mensagem do dono da conta inativa e uma nota informativa do *Google* sobre o procedimento. Se o usuário optar por compartilhar dados com o contato de confiança, a mensagem segue com uma lista dos dados ao qual este terá acesso, como, por exemplo, e-mail, drive ou conta no *YouTube*. São os objetos de ordem privada que podem ser repassados à pessoas próximas, assim como cartas, fotografias, cadernos e vídeos antigamente compunham o arsenal de detalhes pessoais deixados para trás pelo morto – entretanto, no caso das contas digitais, é possível ter algum controle além da vida sobre quem terá acesso e a quais pertences.

No *Facebook*, existem duas alternativas institucionalizadas para a conta de uma pessoa falecida: a exclusão da conta ou a manutenção do perfil como um Memorial. Ambos os processos são feitos após a morte por alguém que comprove ser membro da família do falecido ou testamenteiro através da Solicitação Especial Para a Conta de uma Pessoa Falecida<sup>12</sup>. Para o processo, é necessário informar o nome completo usado na conta da pessoa falecida, o endereço da Web da Linha do Tempo, o e-mail com o qual a conta pode ter sido gerada, informar a data de falecimento e anexar uma foto ou a certidão de óbito do falecido. Também é possível, no gerenciamento de conta do *Facebook*, escolher antecipadamente se, em caso de falecimento, você deseja que sua conta se torne um memorial ou seja excluída.

Nas contas memoriais, antes do nome do usuário aparece a expressão “Em memória de”. Dependendo das configurações de privacidade da conta, os amigos poderão compartilhar memórias na Linha do Tempo, o conteúdo compartilhado pela pessoa permanece na rede social e fica visível para o público com o qual foi compartilhado. No momento em que uma conta se torna memorial, ninguém mais pode acessá-la, mesmo com usuário e senha. Os perfis memoriais, entretanto, não aparecem nas seções públicas do *Facebook*, como em lembretes de aniversário, sugestões de pessoas que você talvez conheça ou anúncios – ou seja, é traçada aí uma distinção entre

---

<sup>12</sup> <https://www.facebook.com/help/contact/?id=228813257197480>

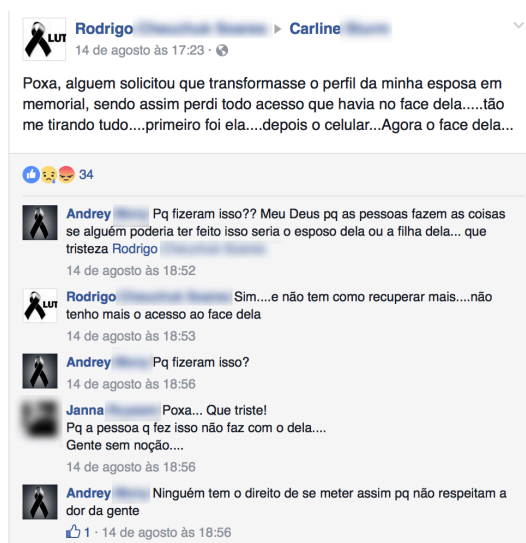
o comportamento dos dados do morto e do vivo a partir dos algoritmos da rede social.

Também é possível adicionar, em vida, um contato herdeiro para a sua conta da rede social, que poderá alterar a imagem de perfil e de capa da conta, escrever uma publicação fixada na Linha do Tempo e responder às novas solicitações de amizade. De certa forma, é o estabelecimento de um gerente de memória digital pós-morte. O contato herdeiro ainda poderá, conforma as especificações do usuário da conta, fazer o download de informações compartilhadas no perfil, como fotos, vídeos, publicações do mural, informações de contato e perfil, eventos e lista de amigos. A referência à herança, aqui, não é gratuita: uma parte considerável de bens e lembranças de ordem pessoal migraram para o armazenamento digital – sejam mensagens sonoras, visuais ou escritas, tais resquícios vem a recompor uma sensação de proximidade do ente querido para os familiares que permanecem.

Em nossa pesquisa de caráter exploratório, percebemos, entretanto, que nenhuma das duas opções institucionalizadas para perfis de falecidos é a mais utilizada pelos usuários brasileiros: a maioria dos perfis que visitamos foram mantidos normalmente, como o perfil de uma pessoa viva na rede social, algumas vezes administrado por outra pessoa. Se a opção de manter um perfil Memorial realiza uma segregação do mundo dos mortos e do mundo dos vivos na plataforma, impedindo que informações indesejadas venham a tona a partir daquele perfil, quando uma conta é mantida normalmente após o falecimento estas fronteiras se borram – e, assim como no mundo tradicional brasileiro, também aqui nos vemos sujeitos a ser convocados pelos mortos a partir de seus mundos, seja por atualizações de status, por recordações acionadas pelo sistema ou por um lembrete de aniversário.

Para aqueles que são próximos à pessoa falecida, entretanto, o perfil no Facebook pode significar uma extensão do ente perdido – e poder acessar aqueles dados pessoais pode ter significado similar à mexer em outros pertences pessoais, como cartas, fotografias, cadernos antigos, uma vez que são registros das interações, dos pensamentos e das vivências cotidianas. A perda destes conteúdos pode ser vivida como perda de parte remanescente da pessoa amada, como podemos observar a partir da Figura 05.

Figura 04



Legenda: Postagem do esposo no perfil da esposa falecida no Facebook.

Evidencia-se, na figura acima, a sensação de perda não apenas do ente querido, mas também dos objetos a ele relacionado. Tais objetos, assim como o perfil no *Facebook*, levam consigo parte do que foi aquela pessoa e dizem algo sobre as relações que se mantém: "é fundamental não perder de vista que o "morto" é sempre o elemento que deixou o cenário abusiva e abruptamente, mas que ainda mantém um elo potente com os que ficaram." (DAMATTA, 1997, p. 158). Além disso, a Figura 04 aponta para a entrada de um terceiro em uma dinâmica relacional considerada privada entre duas pessoas, do esposo com o morto em questão, e que pode, através do ato de tornar a conta um Memorial, restringir o acesso do esposo à presença encarnada digitalmente de sua esposa.

Como já nos colocou DaMatta (1997), o mundo dos mortos e dos vivos no Brasil se encontra em comunicação constante: "vivemos em um universo onde os vivos têm relações permanentes com os mortos e as almas voltam sistematicamente para pedir e ajudar, para dar lições de humildade cristã aos vivos, mostrando sua assustadora realidade" (p. 146). Tal relação pode nos dar pistas para compreender a preferência percebida pela manutenção das contas dos entes queridos no *Facebook* como contas comuns e não como Memoriais – será que o fazemos para manter não apenas a memória, mas também um canal aberto de comunicação com nossos mortos? Permitindo que seja possível a emergência de lembranças, lembretes de aniversário e demais recordações possibilitamos que nossos mortos venham também habitar este mundo dos vivos em certas ocasiões, fazendo visitas periódicas as nossas Timelines?

---

Se em nossa sociedade relacional assumimos alguns compromissos com nossos mortos - como o culto a sua memória e datas na quais devemos visitá-los e lembrá-los, tais como os aniversários de nascimento e morte -, tais obrigações podem estender-se para nossa presença online.

#### **4. Conclusão**

Apresentamos a ideia de que os dados digitais são objetos de caráter público e pessoal, capazes de materializar a presença do morto em um ambiente tradicionalmente habitado pelos vivos. Frente a estas possíveis aparições, surgem ferramentas e dispositivos que tentam tanto segmentar um âmbito específico de presença dos mortos digitais, de forma análoga ao processo histórico de delimitação do espaço dos mortos em cemitérios e celebrações fúnebres, quanto pensar possibilidades de uma morte de contas digitais e perfis em redes sociais, repassando dados e tornando algumas funcionalidades inativas. Mantem-se, assim, institucionalmente, a tentativa de, mais uma vez, não permitir que os mortos perturbem aqueles que vivem. As práticas percebidas através dos perfis de pessoas mortas visitadas aponta, entretanto, para uma tendência contrária no contexto específico brasileiro, onde os perfis funcionam como um canal intermitente de diálogo com o ente falecido, corroborando a análise de DaMatta de um perfil relacional para a sociedade brasileira.

Não pretendemos com este trabalho exaurir o tema da morte em suas relações com a sociedade contemporânea e as particularidades dos objetos técnicos. Ao contrário: ao longo deste percurso, fomos acometidos por diversas inquietações teóricas e empíricas não apenas inesperadas, mas das quais não podemos dar conta no espaço inevitavelmente restrito de um artigo.

Dentre os temas inspirados por esta pesquisa se encontra os modos de existência, de vida e de morte dos jovens brasileiros. Enquanto autores eurocêntricos (ELIAS, 2001; ARIÉS, 2012), nos falam de pacificação interna das sociedades e da sensação de segurança que vivemos hoje, dados brasileiros apontam que o medo de morrer jovem e de forma violenta é uma das marcas geracionais atuais (NOVAES, 2007). Uma breve excursão pela comunidade Profile de Pessoas Mortas nos mostra que as mortes mais frequentemente anunciadas são de jovens. As causas? Suicídio, assassinato e acidentes de trânsito. Longe de ser mero viés do grupo, estes dados fazem sentido com os índices e causas de morte das estatísticas nacionais: o homicídio é a primeira causa de morte

entre jovens brasileiros (SENADO, 2015). A nossa sociedade está muito longe da pacificação interna.

Este assunto – e muitos outros – é uma das questões que esta pesquisa nos coloca mas que, entretanto, não é possível analisar em profundidade no momento. Buscamos, com este trabalho, levantar perguntas e pistas iniciais sobre o modo como os brasileiros se relacionam com os seus mortos e com a morte e sobre a tensão entre a morte e os dados digitais dos mortos – que um dia, certamente, todos seremos.

### Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Afonso de. *Viver e Morrer no Orkut: os paradoxos da rematerialização do ciberespaço*. In: Revista Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n.17, p. 1-17, julho/dezembro 2007.

ARIÉS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BIANCHINI, Aline; OIKAWA, Erika. Dos Velórios Online aos Diamantes de Cinzas: a Ressignificação dos Rituais Fúnebres a partir das Tecnologias Digitais. Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013.

CUNHA FILHO, P.C. *Cibercepção da morte: luto virtual e misticismo tecnológico*. Recife: UFPE, 2009.

DAMATTA, Roberto. *A Casa & A Rua*. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FERNANDES, José C. S.; AGUILERA, Nuricel. *Morte e luto no ciberespaço*. Anais do Simpósio da ABCiber, 2008.

FILHO, Carlos Coelho. *Profiles de Gente Morta e a sociabilidade mórbida*. Anais do VI Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação, 2013.

MARTINS, Andreia de Sousa. *Plateias da Morte: discutindo o fim da vida em comunidades e Velórios Virtuais*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa, 2013.

MIGOWSKI, Ana; FRAGOSO, Suely. A rede dos mortos: um estudo sobre atitudes diante da morte no grupo Profiles de Gente Morta no Orkut e no Facebook. In: *Pesquisa, Comunicação, Informação*. ROSÁRIO, Nísia Martins do; ROCHA, Alexandre (ORG.). Porto alegre: Sulina, 2016.

NOVAES, Regina. Juventude e sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. *Revista Sociologia Especial: Ciência e Vida*, Ano 1, N. 2, São Paulo, 2007.

SENADO FEDERAL. *Homicídio é a principal causa da morte de jovens no país*. Agência Senado, Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/09/09/homicidio-e-a-principal-cao-da-morte-de-jovens-no-pais>>. Acesso em: 01 de agosto de 2016.